

# A boca da história morde a cauda do mito: Jacques Derrida e a inscrição brasileira da desconstrução

*The mouth of history bites the tail of myth:  
Jacques Derrida and the Brazilian inscription of  
deconstruction*

Gabriel Martins da Silva

Pontifícia Universidade Católica

do Rio de Janeiro (PUC-RJ)

Rio de Janeiro | RJ | BR

gabrielms8@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8854-2442>

**Resumo:** O presente artigo discute a maneira como as obras de alguns autores franceses, em especial Jacques Derrida e Claude Lévi-Strauss, foram lidas pelo crítico e escritor Silviano Santiago na década de 1970. Levando em conta tanto os textos do crítico como o contexto em que tais ideias foram apresentadas, o esforço deste trabalho é compreender as particularidades da recepção dessas obras e os expedientes de leitura levados a cabo por Santiago, um crítico em franca formação no estrangeiro (França e Estados Unidos da América), momento em que irá “importar” essa série de novas abordagens para inseri-las no horizonte da literatura comparada no Brasil.

**Palavras-chave:** Silviano Santiago; Jacques Derrida; pós-estruturalismo; teoria literária; literatura comparada; desconstrução.

**Abstract:** The present article discusses the way in which the works of some French authors, especially Jacques Derrida and Claude Lévi-Strauss, were interpreted by the critic and writer Silviano Santiago in the 1970s. Taking into account both the critic's texts and the context in which these ideas were presented, the effort of this work is to understand the peculiarities of the reception of these works and the reading strategies employed by Santiago, a critic in active development abroad (in France and the United States of America). This was a moment when he would 'import' this series

of new approaches to integrate them into the horizon of comparative literature in Brazil.

**Keywords:** Silviano Santiago; Jacques Derrida; post-structuralism; literary theory; comparative literature; deconstruction.

De Silviano Santiago, conheço apenas a boa prosa [...] e certos artigos de crítica. Destes, alguns [...] revelam inegável espírito crítico; porém outros, como seus artigos acerca de, ou inspirados por Derrida ou Barthes, são singularmente passivos: deslumbramentos provincianos ante as últimas piruetas ideológicas de Paris

*Da arte de desentender* (1973)

José Guilherme Merquior

[...] a etnologia só teve condições para nascer como ciência no momento em que um descentramento pode ser operado: no momento em que a cultura europeia [...] foi deslocada, expulsa de seu lugar, deixando de ser considerada como cultura de referência.<sup>1</sup>

*L'écriture et la différence* (1967)

Jacques Derrida

## 1 Encontro com Derrida

Em 1961, Silviano Santiago aportou em Paris para realizar sua tese de doutorado sobre a gênese de *Les Faux-monnayeurs* (1925), a *magnum opus* de André Gide. Porém, sua pesquisa foi logo interrompida por urgências financeiras, quando, por indicação do colega Heitor Martins, presta concurso para dar aulas de literatura brasileira e portuguesa na *University of New Mexico*, momento a partir do qual reside entre Albuquerque e Nova Jérsei. Após um longo período de trabalho como professor em diversas universidades norte-americanas, Silviano retornou a Paris, em finais de 1967, para terminar sua tese de doutorado, em estada custeada pelo salário de docente, hospedando-se num pequeno quarto na *Rue Cujas*, nos arredores da *Université de Paris* (Sorbonne), no *5th arrondissement*, rua que dá vista ao importante *Boulevard Saint-Michel*. Correndo contra o calendário, já que tinha se ausentado das atividades como pesquisador em literatura francesa para dar lugar às suas pesquisas sobre literatura brasileira, o crítico acertou as contas com o tempo perdido e finalizou, com louvor, seu extenso trabalho sobre Gide, com o título *La génèse des Faux-Monnayeurs d'André Gide*. Neste período, passa o Natal de 1967 em

<sup>1</sup> “[...] l’ethnologie n’a pu naître comme science qu’au moment où un décentrement a pu être opéré: au moment où la culture européenne – et par conséquent l’histoire de la métaphysique et de ses concepts – a été disloquée, chassée de son lieu, devant alors cesser de se considérer comme culture de référence.” (Derrida, 1967b, p. 414, grifo do autor, tradução nossa).

viagem de carro pelo norte da Itália com outros quatro amigos brasileiros, hospedados na *Cité Universitaire* (Santiago, 2021, p. 70). No ano seguinte, Silviano entregou sua tese finalizada, em janeiro, ao seu orientador Pierre Moreau e aguardou o momento da defesa, prevista para fins de março, pouco antes dos importantes acontecimentos de maio de 1968. Em documento oficial da *Faculté des Lettres et Science Humaines* da *Université de Paris*, assinado em 25 de março de 1968, Silviano é agraciado com o título de doutor em literatura francesa “*avec la mention très honorable*”, como se lê no documento.

É nesse interregno entre a entrega do texto redigido e a última etapa para obtenção do título de doutor, que aproveitou para se inteirar das novidades do cenário do pensamento francês<sup>2</sup>. Já havia tido contato com o chamado *estruturalismo formal* desde sua primeira e curta experiência em Paris, além de testemunhado o burburinho causado pela vinda do chamado pós-estruturalismo aos Estados Unidos. Porém, é apenas em Paris, nesse período que descrevo, que Silviano travou seu contato decisivo com os primeiros livros de Jacques Derrida, *De la grammatologie* e *L'écriture et la différence*, ambos publicados em 1967.

Em 2006, no colóquio internacional *Sur les traces de Jacques Derrida*, realizado em Argel, capital da Argélia – aliás, cidade próxima a Al-Biar, berço de Derrida – nos dias 25 e 26 de novembro, Silviano relembra o dia em que conheceu o filósofo. Foi em 1971, quando professor na *State University of New York* (SUNY), em Buffalo, que Silviano o encontrou pessoalmente, período em que Derrida era mestre-conferencista da *John Hopkins University*. Então, Silviano foi a Baltimore prestigiar o pensador franco-argelino na condição de editor da revista *Modern Languages Notes*, que promovia um número especial sobre a *narrative analysis*, o estruturalismo e a semiologia, mais especificamente acerca das críticas de Algirdas Julius Greimas e seus discípulos ao estruturalismo lévi-straussiano (Santiago, 1971a). Àquela altura, Silviano farejava, no rastro desestruturador de Derrida, a verve de uma inteligência que daria nervo ao seu empenho em repensar a história da literatura brasileira – que, então, já caminhava para a crítica cultural. Vale recordar que o sistema universitário norte-americano vivia um momento particular com a vinda do pensamento francês, sobretudo nos departamentos de estudos literários. O pós-estruturalismo entrava pela porta dos fundos da universidade americana, digamos assim, já que, por mais que seus principais avatares viesssem de uma formação clássica em filosofia à la française, seus textos desembarcavam em departamentos de literatura.

Traquejado no jargão desestruturador, afinal “[...] já tinha lido seus primeiros livros; os mais literários, aliás” (Santiago, 2020a), foi recebido por Derrida e sua esposa, Marguerite Derrida, junto a Eugenio Donato e Richard Macksey, amigos importantes deste período de sua vida universitária. O primeiro, Donato, foi quem convidou Silviano para proferir a palestra que originou o célebre ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, na *Université de Montreal*, em 1971, esse mesmo amigo, a quem o ensaio é dedicado ao lado da esposa Sally, é que lhe teria soprado a expressão “*the space in-between*”. Ao lado de Richard, conhecido por Silviano pelo apelido de Dick Macksey (Santiago, 2020a), os dois amigos foram responsáveis pela organização, anos antes, do importante simpósio internacional *The Languages of Criticism and the Sciences of Man*, também na *John Hopkins University*, em fins de 1966, que contou com a participação de figuras eminentes como Michel Foucault, Paul de Man, Roland Barthes, Jacques Lacan e Jacques Derrida – este último tendo apresentado sua importante

<sup>2</sup> As seguintes informações biográficas podem ser lidas e averiguadas na importante entrevista de Silviano a Raphael Meciano (Meciano, 2018, p. 437-441).

crítica ao estruturalismo lévi-straussiano, com o título “*La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines*”, em 31 de outubro. Como é de se esperar, Silviano foi decisivamente impactado pelos louros daquele período, materializados na publicação das palestras em *The Structuralist Controversy*, editado pela *Johns Hopkins University Press*, em 1970, que conta com um texto de abertura assinado pelos organizadores intitulado “*The Space Between*”. Tal texto descreve a importância desse pensamento emergente dentro de uma espécie de sociologia do conhecimento francês, na qual a nova geração (Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Michel Foucault) figuraria como uma substituta, de inspiração nietzschiana, do impacto que, nas décadas anteriores, teve a filosofia alemã, sobretudo aquela ligada à recepção da obra de Hegel, com nomes como Alexandre Koyré, Jean Hyppolite, Georges Canguilhem e Alexandre Kojeve (Donato; Macksey, 1972, p. xii). Assim, a filosofia francesa deglutiu a alemã, que, por sua vez, foi aos Estados Unidos e, por último, aportou na periferia do mundo, em terras brasileiras, pela mão de teóricos cosmopolitas.

De volta ao encontro com Derrida, Silviano, em seu depoimento, permite-nos imaginar o contexto em que a conversa ocorreu, na qual o jovem filósofo, Derrida, ainda antes de ser alçado à categoria de *superastro*, dá ouvidos ao inquieto professor latino em solo americano, que, como ele, vive num entre-lugar. Se Derrida foi formado junto aos maiores quadros do pensamento francês, um *bourgeois normalien* por excelência, e não poderia deixar de lado sua ascendência judaica e sua origem argelina, Silviano, por sua vez, lecionava num prestigioso departamento de literatura francesa, agora não mais enclausurado no exotismo particularista dos estudos brasileiros e portugueses, sem, com isso, deixar de lembrar que nasceu na América Latina. Com isso, a partir dessa identificação mútua de ângulo afetivo, além de uma afinidade de leituras, Silviano abre o flanco e explora suas próprias hipóteses acerca da obra de Derrida: “[...] O francês estava evidentemente interessado em escutar o brasileiro. E vice-versa” (Santiago, 2018).

Em carta ao colega Affonso Ávila, datada de 22 de outubro de 1971, Silviano, em Buffalo, escreve: “Tive encontro sensacional com Jacques Derrida. Por causa do número de *Modern Languages Notes* que estou organizando tive que dar uma descida até Baltimore, e ele está dando aulas lá durante o primeiro semestre”.<sup>3</sup> Confirmando certas informações dadas no depoimento posterior – a organização do número da revista e a estada de Derrida em Baltimore –, Silviano menciona ainda a aula que assiste e ao contexto da conversa propriamente dita: “Assisti a uma das suas aulas sobre Freud e o princípio do prazer e à noite tive jantar com ele”.<sup>4</sup>

A cena do jantar logo nos leva a pressupor o arranjo do encontro, no qual, sentado à mesa, discutem, de maneira relativamente despretensiosa, sobre alguns assuntos. Silviano, de maneira atenta, conta na carta a Ávila que discutiu brevemente seu interesse em torno da leitura política da obra do filósofo – como ficaria claro nos textos posteriores de Silviano: “Falamos sobre a possibilidade de uma interpretação política do seu pensamento, concorda discordando [...]”.<sup>5</sup> Tal preocupação, certamente embutida nos debates que fazia à época

<sup>3</sup> Carta de Silviano Santiago a Affonso Ávila de 22/10/1971, Buffalo. Transcrição de Leandro Garcia Rodrigues. Acervo pessoal de Silviano Santiago.

<sup>4</sup> Carta de Silviano Santiago a Affonso Ávila de 22/10/1971, Buffalo. Transcrição de Leandro Garcia Rodrigues. Acervo pessoal de Silviano Santiago.

<sup>5</sup> Carta de Silviano Santiago a Affonso Ávila de 22/10/1971, Buffalo. Transcrição de Leandro Garcia Rodrigues. Acervo pessoal de Silviano Santiago.

sobre a colonização e o papel da literatura na leitura desse imbróglio, aparece atravessada na conversa com Derrida. Os usos que Silviano fez da obra do filósofo certamente apontam para essa leitura, como fica evidente, por exemplo, em “A palavra de Deus” (Santiago, 1971b), no qual o fono-logo-centrismo é acionado para pensar o problema da catequese e da filiação religiosa dos índios tanto em *Iracema* (1865), de José de Alencar, como nos sermões de Padre Antônio Vieira. Na medida em que a conversa com Derrida avança, podemos especular que outros assuntos vêm à tona, deixando, por enquanto, a obra do filósofo de lado e alcançando leituras comuns aos interlocutores. Assim, “em certo momento da conversa, o jovem filósofo demonstrou viva curiosidade acerca de meu olhar de leitor brasileiro” (Santiago, 2020a), sobretudo no que se refere à obra do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, em especial o livro *Tristes tropiques* (1955), que conta o período em que viajou pelo Brasil:

Sob o pretexto de responder a uma pergunta que, na verdade, Derrida não tinha formulado, eu lhe disse que havia um aspecto menos estudado de seu pensamento que me seduzia enormemente; e que, de certo modo, esse aspecto era a principal razão de meu vivo interesse por seus escritos. Em sua crítica do estruturalismo *formalista* (assim caracterizado porque excluía de suas análises a *força* de que fala Nietzsche), em sua leitura crítica dos escritos de Jean Rousset (“*Forme et signification*”), Michel Foucault (“*Cogito et histoire de la folie*”) e Claude Lévi-Strauss (“*La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines*”) e na segunda parte de *De la grammatologie*, percebia eu um desejo de tornar pública uma ideia cujo principal interesse não era a desconstrução do fono- e do logocentrismo, e sim do etnocentrismo. A desconstrução deste último apresentava-se como extremamente importante para a discussão de um tema que sempre me seduziu enquanto cidadão brasileiro – a diferença colonial (Santiago, 2020a).

Ao glosar algumas das hipóteses e pontos de pujança do esforço teórico de Derrida, Silviano rapidamente direcionou a conversa para o campo que lhe convinha. Vale ressaltar que os livros mencionados, que garantiram o solo comum para puxar conversa, têm como unidade temática discussões vindas da etnologia. Por exemplo, o capítulo de *L'écriture et la différence* se detém nos textos mais técnicos de Lévi-Strauss, mais especificamente o primeiro volume das *Les Mythologiques*, intitulado *Le cru et le cuit* (1964); já a segunda parte de *De la grammatologie*, num recorte que nos interessa, vai discutir o importante capítulo “*Leçon d'écriture*” de *Tristes tropiques*. Havia alguns anos que Silviano lecionava em departamentos de literatura brasileira e portuguesa, se havendo com a tradição da literatura colonial, indo até a Carta de Caminha em seus cursos para alunos estrangeiros. Ali, Silviano encontrou a longa discussão sobre conversão, catequese e violência colonial, tudo devidamente escrutinado no ensaio “A palavra de Deus” (Santiago, 1971b), publicado na revista *Barroco* no mesmo ano do encontro com Derrida.

Silviano diz que, durante a conversa, Derrida demonstrava um interesse particular pelo que o professor brasileiro tinha a dizer acerca de *Tristes tropiques*. Derrida estava, segundo conta Silviano, “muito interessado num dos mais importantes livros escritos sobre a diferença colonial enquanto força viva na cultura brasileira” (Santiago, 2020a). Dessa maneira, vemos que o interesse pelo diálogo não é de mão única, mas correspondido pelo pensador, já que ambos estavam implicados no problema colonial. Devemos lembrar, à guisa de exemplo, que a cicatriz gerada pela Guerra da Argélia era bastante recente no imaginário francês daquele momento

– período, aliás, vivenciado a ferro e fogo pelos dois intelectuais. Assim, para o interesse deste ensaio, o encontro soa quase como um mito fundador a lantejoular as aproximações propostas.

## 2 Encontro com Lévi-Strauss

Particularmente, acreditava que o contato de Silviano com os textos lévi-straussianos havia se dado via Derrida, ou seja, após a publicação de *L'écriture et la différence*, em 1967, cujo capítulo “*La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines*”, havia sido apresentado na conferência de outubro de 1966, na *John Hopkins University* (Baltimore). Porém, em uma recente troca de e-mails acerca desse período, Silviano esclarece que o interesse por *Tristes tropiques* surge, na verdade, em 1962, anos antes da publicação do livro de Derrida. Naquele ano – e até 1964 –, apesar de doutorando em literatura francesa em Paris, Silviano se vê, por força do destino, obrigado a dar aulas de literatura brasileira e portuguesa na *New Mexico University*, oportunidade que surge após o término de sua bolsa de estudos na França. Lançado em solo desconhecido, Silviano diz, por e-mail: “Tive de refazer um caminho que não tinha sido feito academicamente, dado o fato que não estava preparado para dar as aulas que tinha de dar”<sup>6</sup>. Não apenas isso, mas as especificidades dos cursos exigidos pela universidade demandavam certa envergadura teórica e crítica do professor em formação, com o manuseio de documentos históricos até então desconhecidos por ele. Como teve contato com a produção dos escritores africanos e com a onda anticolonial na França, Silviano ensaia uma leitura, para integrar o programa dos cursos, que se alinhava ao tempo do mundo, afinada às demandas políticas do momento, atravessando a carta de Caminha e a literatura colonial com lentes pós-coloniais, numa visada *avant la lettre* dos *Cultural Studies*. Escreve Silviano sobre essa complexidade:

[...] na ementa do “survey” de literatura brasileira entrava literatura colonial no Brasil e lá estava eu às voltas com a necessidade de ensinar não só textos literários mas também o que chamamos de documentos históricos. O primeiro choque foi o ensino da Carta de Pero Vaz Caminha. O que fazer? A edição que circulava por lá era a do Cortesão, etnocêntrica a perder de vista.<sup>7</sup>

Nesse desejo de ampliação da bibliografia acerca da construção do Brasil como nação e da presença dos povos originários, a obra de Lévi-Strauss parecia preencher a lacuna, quer dizer, a recepção, de fato, se dá pelo teor etnográfico e relativista da prosa de Lévi-Strauss e não pelo seu método de análise mitológica. Daí já podemos ter alguma ideia de como, mais tarde na vida intelectual de Silviano, após o contato com Derrida, ocorreu a releitura dos textos do antropólogo francês:

Portanto, minha leitura de Lévi-Strauss tinha mais a ver com o período colonial no Brasil do que com as possibilidades metodológicas abertas por sua leitura de mitos. Além do mais, já na época da PUC, 1972, sendo derridiano e tendo voltado a ensinar literatura francesa em Buffalo, não poderia aceitar o “centramento”

<sup>6</sup> E-mail de Silviano Santiago ao autor de 23/04/2022.

<sup>7</sup> E-mail de Silviano Santiago ao autor de 23/04/2022.

que Lévi-Strauss opera em sua leitura, descartando a possibilidade de jogo na apreciação da estrutura.<sup>8</sup>

Ainda na troca de *e-mails*, Silviano relembrava os tempos em Belo Horizonte, no começo da sua carreira intelectual, quando ainda, junto aos companheiros do CEC (Centro de Estudos Cinematográficos), aprendia sobre a arte de escrever e conta da importância do amigo e historiador Francisco Iglésias<sup>9</sup> para um aumento gradativo do teor sociológico de seu ensaísmo: “[...] o professor Francisco Iglésias costumava me puxar a orelha, dizendo que o que escrevia era bom mas que precisava ler livros das ciências sociais, e me indicou o célebre trio dos anos 30, Gilberto, Sérgio e Caio”,<sup>10</sup> referindo-se aos “demiurgo do Brasil contemporâneo”,<sup>11</sup> respectivamente Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. O conselho, apesar de mérito para a formação ainda exordial do jovem escritor mineiro, serviu-lhe apenas mais tarde quando precisou se defrontar, no estrangeiro, com o Brasil enquanto tema. É aí que Lévi-Strauss retorna, através das lentes de um interessado pela construção do país, em especial sob a égide do discurso, como confirma Silviano: “Voltei a ler os livros indicados pelo Iglésias e acrecentei outros à lista, entre eles os *Tristes trópicos*”.<sup>12</sup>

Com as arestas devidamente aparadas e de volta ao encontro com Derrida, Silviano estava munido de uma série de questões que aparecem no Lévi-Strauss romanesco e que ressoam obliquamente o esforço derridiano da desconstrução. Ora, o uso estratégico da etnologia em diversos textos de Derrida não serve simplesmente para desconstruir o fono-logo-centrismo, mas, de certa maneira, para reposicionar o sujeito colonial diante da diferença cultural, desconstruindo o etnocentrismo a reboque. Essa dobra foi o que encantou Silviano no pensamento de Derrida, como escreve o brasileiro: “a desconstrução [...] apresentava-se como extremamente importante para a discussão de um tema que sempre me seduziu enquanto cidadão brasileiro – a diferença colonial” (Santiago, 2020a). Esse é também o tipo de apropriação que lhe será útil no texto de abertura de *Uma literatura nos trópicos* (1978), “O entre-lugar da literatura latino-americana”, quer dizer, um uso político de Lévi-Strauss e da etnologia a partir do contato com as alteridades indígenas e o descentramento do próprio antropólogo a partir da perspectiva de Derrida, tomada do lugar colonial franco-argelino, judeu, escolarizado, letrado etc. A política pronominal entre o *eu* e o *ele(s)*, entre o colonizador e o colonizado e os diversos descentramentos criados por esse contato, interessam Silviano na articulação entre literatura, antropologia e filosofia. Essa inquietação nasce, me parece, de uma certa afinidade entre a discussão sobre o descentramento operado na história da metafísica e a crítica ao etnocentrismo construída por e através de Lévi-Strauss, ancorada nos seus relatos de via-

<sup>8</sup> E-mail de Silviano Santiago ao autor de 23/04/2022.

<sup>9</sup> Silviano, em entrevista concedida em 2016 e publicada anos depois no site do *Projeto Minas Mundo*, conta da sua proveitosa relação com Iglésias, a quem deve o contato com as ciências sociais: “Eu tive algumas das minhas melhores aulas de História dadas pelo Francisco Iglésias na Camponesa. Um dia ele me puxou a orelha e falou: “você está muito preocupado com a estética, tem uma coisa importante que é a história”. E foi ótimo porque eu passei a ler sobre os intérpretes do Brasil e isso fez parte da minha formação. Mas eu não lia absolutamente nada de história, porque o que nós aprendímos na escola era horrível, um livro de história do Brasil do Joaquim Silva da edição Melhoramentos. Depois eu fui ler história mesmo, *Casa-grande & senzala*, uma experiência fora do manual escolar que eu devo ao Francisco Iglesias” (Santiago, 2020b).

<sup>10</sup> E-mail de Silviano Santiago ao autor de 23/04/2022.

<sup>11</sup> A expressão é do sociólogo Francisco de Oliveira, que diz ter tomado de Antonio Cândido (Oliveira, 1997, p. 19).

<sup>12</sup> E-mail de Silviano Santiago ao autor de 23/04/2022.

gem pelo Brasil. Exemplificando, ressalto brevemente uma passagem de *Tristes tropiques* que coloca em debate justamente a questão do descentramento do etnógrafo, posição de instabilidade essencial para a prática antropológica, como pode ser lido ao final do livro:

[...] como o etnógrafo pode escapar da contradição que resulta das circunstâncias de sua escolha? Tem diante dos olhos, tem à sua disposição uma sociedade: a sua; por que resolve menosprezá-la e reservar a outras sociedades – escolhidas dentre as mais longínquas e as mais diferentes – uma paciência e uma dedicação que sua determinação recusa aos concidadãos?<sup>13</sup> (Lévi-Strauss, 1955, p. 442, tradução nossa).

Lévi-Strauss, ao analisar a obra de Marcel Mauss, em especial a noção de *fato social total*, vai reconhecer que a antropologia é “[...] uma ciência em que o observador é da mesma natureza que seu objeto, o observador é ele próprio uma parte de sua observação”<sup>14</sup> (Lévi-Strauss, 1950, p. 15, grifos do autor, tradução nossa). Dessa maneira, se tanto o sujeito quanto o objeto do trabalho etnográfico são, eles mesmos, seres humanos, ou seja, por definição sujeitos, então “[...] a observação etnológica traz inevitavelmente [modificações] ao funcionamento da sociedade na qual se exerce [...]”<sup>15</sup> (Lévi-Strauss, 1950, p. 15, tradução nossa). Assim, cabe à antropologia objetivar os sujeitos, transformando outros seres humanos em tema de estudo “científico”, na medida em que precisa também subjetivar os objetos, tornando-os parte interessada naquilo que se produz. Além disso, o sujeito (antropólogo) precisa, de alguma maneira, tornar-se objeto, já que a prática etnográfica exige, de saída, um convívio com o grupo estudado. Essa é a constituição da antropologia enquanto área do conhecimento, sendo assim uma das disciplinas em que o objeto de estudo pode dizer algo ao sujeito que pesquisa. Mais à frente no texto, ao tratar do desempenho da etnografia em meio às ciências do homem em outros países para além da França, Lévi-Strauss vai defini-la “[...] como inspiradora de um novo humanismo [...]”<sup>16</sup> (Lévi-Strauss, 1950, p. 16, tradução nossa), mesmo humanismo que, em outro contexto, vai atribuir a Jean-Jacques Rousseau, tomando-o como fundador das ciências humanas. Dessa forma, Rousseau foi o primeiro a descrever o programa etnológico por excelência, que, por um lado, participa da construção do *cogito*,<sup>17</sup> mas, por outro, tende a transgredi-lo, como se lê em *Essai sur l'origine des langues* (1781), de Rousseau, citado por Lévi-Strauss em seu texto: “Quando se quer estudar os homens, é preciso olhar perto de si; mas para estudar o homem, é preciso aprender a dirigir para longe o olhar; para descobrir as propriedades, é preciso primeiro observar as diferenças” (Rousseau, cap. VIII *apud* Lévi-Strauss, 1993, p. 43).

<sup>13</sup> “[...] comment l'ethnographe peut-il se tirer de la contradiction qui résulte des circonstances de son choix? Il a sous les yeux, il tient à sa disposition une société: la sienne; pourquoi décide-t-il de la dédaigner et de réservier à d'autres sociétés – choisies parmi les plus lointaines et les plus différentes – une patience et une dévotion que sa détermination refuse à ses concitoyens?”.

<sup>14</sup> “[...] une science où l'observateur est de même nature que son objet, l'observateur est lui-même une partie de son observation”.

<sup>15</sup> “[...] l'observation ethnologique apporte inévitablement [modifications] au fonctionnement de la société où elle s'exerce [...]”.

<sup>16</sup> “[...] comme inspiratrice d'un nouvel humanisme [...]”.

<sup>17</sup> Sem contar a origem colonial do discurso antropológico, não podemos esquecer, a relação paradoxal e ambígua da antropologia tanto com o colonialismo como com a pretensão de neutralidade axiológica (Asad, 2017, p. 313-327).

Em outro momento, um dos alunos mais célebres de Lévi-Strauss, Pierre Clastres, num texto chamado “*Entre silence et dialogue*” (Clastres, 1979), vai defender a antropologia como um dos únicos saberes capaz de estabelecer algum tipo de relação com aqueles deixados de lado pelo Ocidente e pelo Império da Razão. Segundo Clastres, tanto o louco, a criança como o selvagem, foram excluídos do diálogo e alienados da faculdade do juízo racional. Assim, a partir de uma breve recapitulação dos autores clássicos do pensamento francês que criaram pontes e experimentaram uma relação potente com as alteridades indígenas – Michel de Montaigne, Jean de Léry, Denis Diderot e Jean-Jacques Rousseau –, ele demonstra que a etnologia enquanto uma disciplina que é tanto uma ciência quanto outra coisa – quer dizer, uma ciência que, por definição, estuda a não-ciência –, ela constituir-se-ia como uma das poucas ferramentas que ainda poderiam estabelecer um diálogo ao invés de ignorar ou se manter em silêncio diante dos selvagens. Não à toa, ao final do texto, Clastres atribui o pontapé inicial dessa façanha ao seu mestre Lévi-Strauss, num gesto que começaria no contato real e eficaz com os indígenas e terminaria por transformar o pensamento ocidental.

De volta a Derrida, não poderia deixar de lado a sua preocupação com o etnocentrismo enquanto componente basilar das discussões filosóficas, como podemos notar no glossário organizado por Silviano, em 1976, em que um dos verbetes trata diretamente desse problema. Como o livro coordenado por Silviano foi resultado direto do trabalho coletivo da primeira turma de mestrado em Literatura Brasileira na PUC-Rio, esforço oriundo de um curso ministrado por Silviano acerca do problema da interpretação entre pensadores franceses contemporâneos, o glossário acaba por se configurar como um arquivo, que mostra, a partir da organização de seus verbetes, os possíveis expedientes da leitura de Derrida no Brasil. Assim, como notamos no depoimento de Silviano sobre sua conversa pessoal com Derrida, o problema do etnocentrismo, que Derrida agarra de Lévi-Strauss, consolidou-se como uma tônica de leitura. No verbete a que me refiro há uma definição relativamente clássica do etnocentrismo aos olhos de seus primeiros críticos, seja de Franz Boas em *The mind of primitive man* (1911) e *The limitations of the comparative method of anthropology* (1896) ou do próprio Lévi-Strauss em *Race et histoire* (1952) e *Race et culture* (1971). O que interessa aqui é o fechamento do verbete, que parece integrar o problema do etnocentrismo aos outros imbróglios fundamentais da metafísica da presença: “O etnocentrismo se constitui, portanto, como um dos elementos estruturantes do pensamento ocidental, que comanda uma cadeia de centramentos – logocentrismo, fonocentrismo – e que é denunciado pela desconstrução e pelo descentramento” (Santiago, 1976, p. 37). Dessa maneira, sem tratar o etnocentrismo como condição universal, como o faz Lévi-Strauss, e nem como um problema de lapso de conhecimento histórico, como o quer Franz Boas, Silviano e seus alunos, ao lerem Derrida, encontram o etnocentrismo dentro de uma cadeia mais ampla e complexa de centramentos que, de certa maneira, são produzidos e servem como sustentáculo para a metafísica filosófica, nos termos já convencionais e orientadores dos nossos modos de vida. Tal constatação, por localizar as fontes e as estruturas em que residem os inimigos a serem combatidos, garante que o antídoto elaborado por Derrida, a desconstrução, ataque de frente o etnocentrismo. O etnocentrismo, como um verbete autônomo no livro organizado por Silviano, integra-se ao todo na medida em que nos damos conta do “[...] espaço de atuação do Glossário, que desmonta peça por peça textos dos mais herméticos, sem perder a solidariedade do todo” (Santos, 1976, p. 11), como escreveu um jornalista no *Jornal do Brasil*, em 1976, apresentando de que maneira “cada palavra é malha numa rede, unindo-se a várias outras pelos nós” (Santos, 1976, p. 11).

Dessa forma, os textos do pensador franco-argelino servem como um operador teórico capaz de desconstruir, desde o ponto de vista colonial, os livros e autores brasileiros que Silviano se debruçava enquanto professor e ensaísta, constituindo a verve que garantiu que ele encontrasse intercessores potentes, com a força que desloca as áreas e arrebenta com as tradições.

### 3 Estrutura e desconstrução

Como sabemos, a entrada do estruturalismo nos estudos literários no Brasil ocorreu, em grande medida, via o corpo docente do Departamento de Letras e Artes – atual Departamento de Letras – da PUC-Rio, ao longo da década de 1970. Foi no início dessa década que, como já mencionado, Silviano deslocou-se dos Estados Unidos ao Brasil, em 1972, na condição de professor visitante pelas mãos de outro mineiro, Affonso Romano de Sant'Anna, à época, diretor do departamento. Enquanto visitante, Silviano deveria colaborar com o quadro recente de professores para formar a primeira geração de pós-graduandos em literatura brasileira da PUC. Por mais que a entrada de Silviano tenha introduzido diversos conceitos e práticas investigativas, como os que tento apontar aqui (desconstrução, teoria francesa e leitura pós-colonial da literatura brasileira), é difícil negar a pujança intelectual de feição estruturalista da neófita pós-graduação. Assim, apesar (e com) a presença de alguém com as referências teóricas como as de Silviano, é inegável a corporatura estruturalista. O formalismo russo e o estruturalismo eram temas de mesa de bar, tamanha a naturalidade com que o assunto fluía corredores a fora, confirmando a maneira como aqueles debates encontraram solo fértil em território carioca, como descreve Affonso em tom de anedota: “falava-se de ‘corte epistemológico’ como se fosse de Coca-Cola” (Sant'Anna, 2015, p. 41). Isto se devia, em grande medida, à criação da pós-graduação (o mestrado em Literatura Brasileira) no início dos anos 1970, culminando no desejo de se trabalhar “[...] com uma visão nova da literatura, da história, do *corpus* literário e outra maneira de interpretar o fenômeno literário” (Sant'Anna, 2015, p. 40, grifo do autor). É nessa vontade de renovação que “a estilística e a filologia dos anos 1950 e 1960 recebiam agora o influxo de várias correntes, seja do recém-descoberto formalismo russo, seja daquilo que surgia sob o confuso nome de estruturalismo e pós-estruturalismo” (Sant'Anna, 2015, p. 41), relembra Affonso acerca desse período.

De maneira um tanto apressada, simplificarei o debate avultando a presença de dois professores fundamentais na leitura do estruturalismo no território das letras: Luiz Costa Lima e o próprio Affonso Romano. Apesar da semelhança do uso de método, uma ressalva é importante: Costa Lima traz uma contribuição ampla e complexa à incorporação do estruturalismo de Lévi-Strauss aos estudos de literatura, numa abordagem concentrada na obra do antropólogo, como se confirma na coletânea organizada *O Estruturalismo de Lévi-Strauss* (1968); já o trabalho de Affonso, ao que pese sua importância, é mais ligeiro, limitado ao jogo de oposições e paralelismos e à quantificação de dados, como pode ser visto em *Análise estrutural de romances brasileiros* (1972). Para o que interessa neste exíguo ensaio, gostaria de me deter no primeiro: Costa Lima.

No começo da pós-graduação em literatura brasileira – cuja primeira turma data do ano de 1972 –, o jovem professor estava às voltas com o debate acerca do estruturalismo de matriz antropológica, mais especificamente com a obra de Lévi-Strauss e sua relação com o campo da crítica e da análise literária, reflexão que culminará no seu doutoramento, defen-

dido em 1972 e publicado no ano seguinte com o título *Estruturalismo e Teoria da Literatura*. Em “Os estudos literários brasileiros nos anos 1970 e o lugar da teoria no trabalho de Luiz Costa Lima”, o pesquisador da Universidade de São Paulo Jefferson Mello esmiúça a opção de Costa Lima por Lévi-Strauss e pelo estruturalismo e não por outras correntes do pensamento francês que começavam a aportar no Brasil nos anos 1970:

O esforço de Costa Lima é, assim, o de contribuir para a evolução dos estudos literários, pensando a teoria literária mais próxima da filosofia, da psicanálise e da antropologia do que da própria literatura. É como se, para que esta fosse lida adequadamente, o analista, como um cientista, necessitasse tomar distância dela. Nesse sentido, não é nada aleatória, no rol de referências possíveis do estruturalismo, a opção por Lévi-Strauss (e não, por exemplo, por Roland Barthes) como possível interlocutor, cuja obra, consagrada na França e no Brasil, passa a fazer parte mais do campo científico do que do literário (Mello, 2020, p. 716).

Um pouco antes da abertura da pós-graduação no Departamento de Letras e Artes, Costa Lima havia lecionado no Departamento de Sociologia e Política da mesma universidade – atual Departamento de Ciências Sociais (Costa Lima, 2021). Isso porque, após trabalhar como professor de literatura na Universidade Federal de Pernambuco e colaborar junto a Paulo Freire no Serviço de Extensão Cultural (SEC), depois do golpe de 1964, mais especificamente em outubro daquele ano, descobriu que seu nome constava na lista em que incidia o Ato Institucional n.º 1 (AI-1). Assim, afastado do serviço público por ameaçar a segurança nacional – como mandava o Ato Institucional –, é acolhido, em 1965, pela Sociologia da PUC-Rio. Como tinha experiência e contato com a área de Letras, apesar da sua formação inicial em Direito, ficou encarregado das cadeiras de Sociologia da Comunicação de Massa e de Sociologia da Literatura. Perante o acaso e a violência política autoritária, Costa Lima moldou sua formação e sua experiência docente a partir de seus interesses pessoais e da circunstância em que se encontrava. É nesse contexto que, através da sua relação com a sociologia da literatura, Lévi-Strauss entra, com suas análises mitológicas, garantindo a inteligibilidade dos objetos artísticos a partir de um cabedal antropológico, “científico” e instrumental.

A amplitude e a novidade de Lévi-Strauss trazidas por Luiz Costa Lima para a universidade carioca podem ser ratificadas pelo relato do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, cujo primeiro contato com a obra de Lévi-Strauss e sua guinada em direção à etnologia e à antropologia social ocorreu graças aos seminários ministrados por Costa Lima quando ainda professor de Sociologia da Literatura na PUC-Rio, em fins de 1960. Nesse período, Costa Lima se preparava para a escrita da tese, orientada por Antonio Cândido, sobre a relação entre teoria literária e estruturalismo. Assim, alguns textos de Lévi-Strauss eram lidos e debatidos com os alunos – e suas diversas articulações com o campo da literatura –, além de acompanhar de perto os lançamentos, em francês, da tetralogia *Les Mythologiques* (1964-1971). A recapitulação de Viveiros de Castro consta em um ensaio sobre Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Oswald de Andrade, no qual tenta retrair seu primeiro contato “acadêmico” com o mundo das letras e sua aproximação especial com os textos de Guimarães Rosa – autor sobre o qual realiza um trabalho de análise estrutural (“Esboço de análise de um aforismo de G. Rosa”), ainda enquanto aluno de graduação em ciências sociais, posteriormente publicado em livro organizado por Costa Lima, *A metamorfose do silêncio* (1974). Segue o relato de Viveiros de Castro:

Virei etnólogo em função de um interesse por Lévi-Strauss, que me foi despertado por Luiz Costa Lima, meu grande mestre nos anos da graduação, que me aconselhou a fazer pós em antropologia. Trabalhei como seu assistente por algum tempo sobre a obra de Guimarães Rosa, contribuindo para a análise que Costa Lima fez do ‘Buriti’, uma das novelas de *Corpo de baile*. E com ele também tive vários cursos sobre as Mitológicas de Lévi-Strauss (Viveiros de Castro, 2019, p. 12).

Poucos anos mais tarde, em 1973, Viveiros de Castro, já como antropólogo e aluno da pós-graduação em Antropologia do Museu Nacional da UFRJ, publicou “As categorias de sintagma e paradigma nas análises míticas de Lévi-Strauss” na edição número 32 da revista *Tempo Brasileiro*, intitulada “A linguística hoje”. No texto, Viveiros procura discutir de que maneira alguns conceitos são transportados do campo da linguística para o da antropologia, tendo como base a análise mítica de Lévi-Strauss. Ao longo do texto, as referências à tese de doutorado de Costa Lima (Viveiros de Castro, 1973, p. 114), à época ainda inédita, mostra a repercussão que as aulas do professor tiveram na vida intelectual de uma série de pesquisadores em formação, de modo a garantir a inteligibilidade do estruturalismo lévi-sraussiano ao mesmo tempo que inserindo-o em outros debates para além dos propriamente antropológicos.

Nessa mesma coletânea de ensaios, surge Silviano Santiago com o texto “Desconstrução e descentramento”, uma espécie de varredura geral da obra de Derrida publicada até aquele momento. O ensaio tinha sua origem didática, já que, ao ministrar o primeiro curso sobre a obra de Derrida no Brasil, Silviano redigiu uma apostila para os alunos da turma de mestrado, material que circulou na comunidade acadêmica como uma introdução ao estudo de Jacques Derrida (Meciano, 2018, p. 443). Depois, o mesmo texto foi aceito como artigo e publicado na coletânea organizada por Eduardo Portella, em 1973, no mesmo número em que consta o texto de Viveiros citado brevemente acima. No início, Silviano identifica três conceitos básicos da metafísica ocidental que Derrida propõe-se a questionar: o fonocentrismo, o logocentrismo e o etnocentrismo, “os três colocados como origem e como centro da Filosofia; os três sendo os elementos estruturantes do pensamento ocidental” (Santiago, 1973, p. 76). Silviano aponta, portanto, a centralidade da discussão sobre etnocentrismo para repensar os pilares da filosofia – e, portanto, o pensamento que ordena o mundo –, atento aos empréstimos de Lévi-Strauss sem perder de vista as críticas levantadas por Derrida. É também no seio dessa reflexão que Silviano recorda a maneira como Lévi-Strauss, ao tentar fraturar as bases do etnocentrismo, toma parte na discussão, quer dizer, ao tratar o etnocentrismo como fenômeno universal, coloca-se dentro da própria querela que ensaia desmontar. Nessa toada, Silviano recorda de uma passagem de Derrida, em que o autor afirma a necessidade de se brigar com a filosofia sem deixá-la de lado, fazendo com que o próprio pensamento ocidental se sufoque e beba do seu próprio veneno ou remédio, propriedade ambígua do *phármakon*: “O que pretendo acentuar é que a passagem para além da Filosofia não consiste em virar a página da Filosofia [...] mas em continuar a ler de *uma certa maneira* os filósofos” (Derrida, 1967b, p. 243 *apud* Santiago, 1973, p. 77). Sem renunciar à linguagem da filosofia, o desconstrutor deve desdobrar-se, dentro do pensamento filosófico, e atacar sua matriz.

A lição de Derrida, herdada de Lévi-Strauss, ecoa na maneira pela qual Silviano irá repensar o cânone literário e a história da literatura apenas cinco anos depois, em *Uma literatura nos trópicos*. Ao se deparar com a tradição literária do primeiro mundo, cuja dívida a literatura brasileira ainda precisaria pagar, faz com que as diversas leituras que encaminham a noção de fonte e influência para o centro do debate sejam repensadas dentro dos seus pró-

prios termos, ou seja, problematizando a dívida da literatura periférica com a produção metropolitana. Por exemplo, é a partir de Gustave Flaubert que Silviano, em “Eça, autor de *Madame Bovary*”, vai repensar a dívida de Eça de Queirós com *Madame Bovary* em *O primo Basílio*. Dessa forma, Derrida herda o pensamento de Lévi-Strauss, traíndo-o, pelo expediente de romper com a razão binária, ainda atuante na obra do antropólogo. Derrida insere um terceiro termo, a *différence* é tensionada pela *différance*, instaurando uma brecha na oposição simples, que põe em questão a escolha segura de um dos termos. Nesse caso, é Flaubert que “deve” a Eça de Queirós, uma vez que o romance português insere um terceiro termo aos pares opositivos “verdade/ilusão” e “fidelidade/traição”, com a inclusão de uma peça teatral, na sequência narrativa, que levanta outras possibilidades, complexificando e rasurando o clássico enredo da traição. Pela problematização da suposta dívida dos colonizados com o colonizador, por via da paródia ou da devoração antropofágica, Silviano procura denunciar o etnocentrismo da crítica e escapar dele (Santiago, 2019, p. 243-244). A inversão da cópia e do original, elegendo, por sua vez, um outro original, um outro percurso, parece estar no centro da discussão de Silviano, quando coloca tanto Eça quanto Machado – via *Dom Casmurro* – como anunciantes e antecessores de Flaubert, como vai lembrar em entrevista:

Portanto, o precursor [...] é o que controla a cronologia às avessas, mostrando o raro sentido do passado no presente, com vistas ao futuro. Eça é precursor de Flaubert, assim como Machado de Assis é precursor de Flaubert e de Eça. O precursor desencaminha a seta do tempo para que ela, contemplando carinhosamente o que tinha deixado pelo meio do caminho, ilumine-o com o facho de luz que ela própria continua a produzir, independente da vontade do seu criador original e graças à sensibilidade dos sucessivos criadores. A leitura do precursor não satisfaz a vontade do criador original; satisfaz a vontade da obra criada por ele (Santiago, 2015, p. 21).

Assim, tanto a importância de não se posicionar fora do pensamento dominante, utilizando sua linguagem e seus termos para combatê-lo, quanto a centralidade da discussão sobre o etnocentrismo, parecem estar, em certa medida, na leitura que Silviano faz da obra de Derrida.

#### 4 Entre-lugar, etnocentrismo e pós-estruturalismo

Não é mentira que a presença de Lévi-Strauss e Derrida – além de outros avatares do pós-estruturalismo francês – é evidente em *Uma literatura nos trópicos* (1978). Como foi dito, o itinerário da leitura de Lévi-Strauss se apresenta na própria composição dos capítulos – dispostos como ensaios independentes, mas que guardam uma raiz comum na escolha dos objetos e seu respectivo método de análise –, na medida em que o primeiro e o último capítulo têm como intercessor primordial o antropólogo francês, lido, lado a lado, com textos de Derrida. Se no primeiro capítulo acerca do entre-lugar, Lévi-Strauss figura como um interlocutor de Derrida, que continua e aprofunda seu ponto, sobretudo no que diz respeito ao problema do etnocentrismo; já no último, acerca da interpretação segundo autores franceses, Lévi-Strauss, lido como pai do método estrutural a deixar à vista algumas incoerências universalizantes, aparece como inimigo de Derrida e companheiros de linhagem nietzschiana, Michel Foucault e Gilles Deleuze. No primeiro capítulo, Lévi-Strauss surge à luz das discussões a respeito do etnocentrismo, sobretudo em *Tristes tropiques*, quando, a fim de discutir

o lugar da produção latino-americana em face dos textos metropolitanos europeus, relembr a enquete psicossociológica dos monges da Ordem de São Jerônimo e a anedota das Antilhas, ambas reanimadas para defender a simetrização dos sujeitos coloniais. Partindo de fragmentos narrativos recolhidos por Lévi-Strauss, Silviano constrói, ao lado da contribuição de Derrida no que se refere ao fonocentrismo e à escritura – e de Jorge Luis Borges e Julio Cortázar ao problema da autoria e tradução –, um embasamento em literatura comparada que não reduza a relação entre Europa e Américas ao paradigma da influência e da fonte, mas que esteja engajado numa leitura não-ethnocêntrica da literatura, na qual se pudesse comparar as produções dos dois continentes em pé de igualdade. Assim, os relatos etnográficos de Lévi-Strauss e as reflexões teóricas de Derrida servem como antídoto às imposições do imaginário colonial da imitação.

Tomando por princípio o procedimento desconstrucionista de Derrida, Silviano volta-se à literatura com olhos treinados para ver a hierarquização – sempre assimétrica – dos valores da sociedade. Por exemplo, se para Derrida a história da filosofia prestigiou a *fala* em detrimento da *escrita* – é sob esta distinção que todo o seu trabalho do filósofo nos anos 1960 vai se assentar –, Silviano, por sua vez, repensou a história da literatura brasileira, e, consequentemente, a própria sociedade dos trópicos, à luz de uma hierarquização que fundou a história universal – ou estabeleceu um conceito de cultura – a partir do pressuposto inquestionado da superioridade dos valores europeus. Maurício Hoelz, em texto sobre o conceito de entre-lugar, defende que “a ocupação dos trópicos permitiu tanto alargar as fronteiras visuais e econômicas da Europa quanto transformar a história europeia em História universal [...], instaurando um processo de uniformização/ocidentalização das diferentes civilizações existentes” (Hoelz, 2022, p. 224), corroborando com o nosso ponto. Logo em seguida, Hoelz vai recordar uma passagem de “Apesar de dependente, universal” de Silviano, na qual, apoiado nas observações pós-coloniais *avant la lettre* e atento aos problemas de hierarquização, vai dizer que: “A cultura oficial assimila o outro, não há dúvida, mas, ao assimilá-lo, recalca, hierarquicamente, os valores autóctones ou negros que com ela entram em embate. No Brasil, o problema do índio e do negro, antes de ser a questão do silêncio, é a da hierarquização de valores” (Santiago, 1982, p. 17). É dessa maneira que vai discutir o engodo basilar do problema da desigualdade e da invisibilização das minorias no Brasil e, de alguma forma, se filiar ao *parti pris* metodológico de que falam Derrida e Lévi-Strauss: para se combater algo, é preciso falar sua própria língua, disputar seus próprios significantes, em outras palavras, trabalhar com a tradição – com a “cultura oficial” – para, a partir dela, revelar seu avesso.

Vale uma incursão rápida ao momento de composição de “O entre-lugar do discurso latino-americano”, cuja dinâmica singular oferece uma das entradas para a sua leitura. A convite do colega Eugenio Donato, professor visitante no Canadá, o texto foi primeiro apresentado em francês na *Université de Montréal*, com o título “*L'entre-lieu du discours latino-américain*”, no dia 18 de março de 1971, mesmo ano em que Silviano conhece Derrida pessoalmente. Silviano foi o terceiro *lecturer* do seminário, antecedido por René Girard, seu colega de departamento, e Michel Foucault, à época já uma figura importante do pensamento francês. Donato, que considerava o título da palestra um tanto enigmática, havia sugerido um outro: *Naissance du sauvage, Anthropophagie Culturelle et la Littérature du Nouveau Monde*, título que revelaria alguns dos intercessores ocultos na fala de Silviano, que, por sua vez, ressoavam o resgate do debate sobre a antropofagia no modernismo paulista e sua reabilitação no ambiente crítico brasileiro à época. Em 1973, o texto foi traduzido para o inglês por dois alu-

nos de Silviano, Steve Moscov e Judith Mayne, e publicado como *The Latin-American Literature: the Space in between*, pelo professor Albert Michaels numa plaque do *Latin American Studies Center*, instituição afiliada à universidade em que lecionava. E, finalmente, anos mais tarde, traduzido ao português para compilação no livro *Uma literatura nos trópicos*, de 1978, momento em que Silviano já se tornara professor efetivo da PUC-Rio e já havia se desligado do departamento de francês em Buffalo<sup>18</sup>. A constituição do próprio texto entre línguas obrigou Silviano a negociar tanto com a palavra como com a língua em que é estrangeiro, a qual, no limite, leva-o à despersonalização, como anota em sua autobiografia: “Ao me comunicar em língua francesa, inglesa ou espanhola, já nem sei quem sou eu [...] Reconheço-me falante do português [...]” (Santiago, 2021, p. 183). Outro ponto importante a ser ressaltado é que, quando proferiu a palestra, o Canadá vivia um momento peculiar com a perda da hegemonia francófona, que dava lugar à anglofonia – lembremos também dos ecos de Derrida em seu *Le monolinguisme de l'autre ou la prothèse d'origine* (1996), livro de forte teor autobiográfico que reencena esses problemas ligados aos dilemas das línguas e da colonização. A palestra proferida em Montréal, maior província do Québec, epicentro da franja francesa canadense, ecoa, em certa medida, o debate sobre bilinguismo e dominação presente no texto de Silviano, uma vez que o problema do letramento dos nativos no território colonial brasileiro soava familiar aos ouvidos dos que tinham o francês como língua materna e que se encontravam num ambiente de franca substituição cultural em relação à avassaladora hegemonia inglesa. Não apenas isso, mas o Canadá, naquele momento, tinha como primeiro-ministro um representante do “lado francês”, Pierre Trudeau, pai do atual primeiro-ministro canadense Justin Trudeau. Esses não são dados triviais na feitura do ensaio, pontapé inicial de uma série de textos que culminaram no livro de 1978.

Silviano Santiago, em comemoração aos 40 anos da publicação de *Uma literatura nos trópicos*, relembra que a primeira versão do livro, imaginada no final dos anos 1960 com o título *Retórica e ruptura: ensaio sobre o romance brasileiro do século XIX*, na verdade seria uma reunião de ensaios sobre o romance oitocentista. Embebido dos debates pós-coloniais e de uma leitura que tentava fugir do etnocentrismo, Silviano recorda o encontro com a obra de Lévi-Strauss, mais tarde agenciado com a leitura de Derrida:

O questionamento do etnocentrismo no discurso da cultura brasileira – já presente na versão do livro de 1970 – veio embasado inicialmente por leitura cuidadosa de *Tristes trópicos*, de Lévi-Strauss (1955) e, a partir de 1968, o será pelo ensaio ‘A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas’, de Jacques Derrida, em *A escritura e a diferença* (1967) (Santiago, 2018).

A passagem de um texto ao outro, de um autor ao outro, de um francês filósofo a um filósofo francês, não é gratuita. Segundo o próprio Silviano, “[...] a passagem de *Tristes trópicos* para *A escritura e a diferença* ajuda a explicar a diferença entre a reunião dos meus ensaios em *Tradição e ruptura* e em *Uma literatura nos trópicos*” (Santiago, 2018). Quer dizer, a aparente divisão interna do livro – ensaios sobre o século XIX e outros sobre a cultura pop da segunda metade do século XX – pode ser explicada pela visada pós-estruturalista do autor a partir de suas leituras de teóricos franceses que visitaram a obra de Lévi-Strauss,

<sup>18</sup> A biografia do texto, com os devidos itinerários, está descrita na nota de abertura de “O entre-lugar do discurso latinoamericano” (Santiago, 2019, p. 29-30).

cada um ao seu modo. E continua, acerca do seu deslocamento profissional e universitário norte americano e suas afinidades teóricas da época: “[...] o pós-colonialismo que vinha caminhando desde Albuquerque encontra em Buffalo o pós-estruturalismo” (Santiago, 2018). Isso é, desde seu incuso como professor de literatura brasileira, em 1962, até a conclusão de seu doutorado na Sorbonne, em 1968, quando torna-se professor de literatura francesa, ocorre aí uma virada, um encontro importante de leituras que determinará, anos depois, a curadoria de textos que compuseram seu livro de 1978 e sua envergadura crítica.

## 5 Ouroboros

Como foi dito, durante o primeiro encontro pessoal com Derrida, Silviano era editor de um número especial da revista de literatura comparada *Modern Language Notes*, publicada pela *The Johns Hopkins University Press*. A edição, que contava com um texto de Eugenio Donato, foi publicada em dezembro de 1971. O texto de abertura, assinado por Silviano e intitulado “Ouroboros”, tinha o objetivo de apresentar a seção temática sobre Creimas, suas críticas ao estruturalismo e sua relativa aproximação com os intelectuais pós-estruturalistas. Como não poderia deixar de ser, a epígrafe da introdução<sup>19</sup> é retirada de Derrida: uma frase do primeiro parágrafo do primeiro capítulo de *De la grammatologie*, em que se discute a generalização e difusão do *problema da linguagem*, embaraço que começou a ordenar e determinar todos os problemas do mundo em que vivemos. Silviano abre a apresentação da revista descrevendo o mito egípcio de Ouroboros, cuja origem remonta um texto funerário encontrado na tumba do imperador Tutancâmon. Segue a descrição: “Na floresta dos símbolos gnósticos, encontra-se representada a figura de uma cobra que, quando chega a um terreno aberto, em vez de rastejar em um caminho reto ou sinuoso, para e volta sobre si mesma até que, com sua cabeça tocando a cauda, forma um círculo perfeito”<sup>20</sup> (Santiago, 1971a, p. 790, tradução nossa). Em outro momento, num capítulo do livro sobre Sérgio Buarque de Holanda e Octavio Paz, *As raízes e o labirinto da América Latina* (2006), em que Silviano Santiago trata do poeta mexicano, a imagem de Ouroboros volta à cena com as seguintes frases impactantes: “A flecha da história se volta para o início dos tempos. Semelhante à serpente Ouroboros, a boca da história morde a cauda do mito” (Santiago, 2006, p. 216). Com a devida descontextualização do sentido da frase na economia do livro, ela traz a força para arrematar este ensaio sobre a relação de Silviano com dois autores franceses. Se a história foi percebida durante muito tempo como uma linha reta, impondo uma linearidade que reverbera o lastro colonial das discussões do século XIX sobre a evolução cultural dos povos, no contexto em que Silviano estabeleceu contato com as teorias metropolitanas, as ideias importadas poderiam soar com um certo objetivo iluminador. A partir da conveniente instrumentalização do arcabouço do primeiro mundo, as civilizações “atrasadas”, tal qual as latino-americanas, pouco a pouco chegariam

<sup>19</sup> “[...] uma época histórico-metafísica deve determinar enfim como linguagem a totalidade de seu horizonte problemático” [...] une époque historico-métaphysique doit déterminer enfin comme langage la totalité de son horizon problématique] (Derrida, 1967a, p. 15, grifos do autor, tradução nossa).

<sup>20</sup> “In the forest of gnostic symbols one finds re-presented the figure of a snake, which, when it comes upon open ground, instead of crawling ahead in either a straight or sinuous path, stops, and turns back upon itself until, with its head touching its tail, it forms a perfect circle”.

ao compasso do mundo, abandonando seu estado de letargia, para não dizer de barbarismo. Ora, como pudemos perceber, a deglutição da desconstrução e da etnologia francesas têm uma forma própria em território brasileiro. Isso se deve, ao fim e ao cabo, pelo teor, em certa medida, revolucionário do empreendimento intelectual dos autores metropolitanos – seu empenho em apresentar seu próprio avesso, a negatividade da Europa – e pela perspicácia do crítico provinciano. A história, que ordenava a economia letrada dos povos, é agora retorcida na forma de um círculo, como uma serpente. A cabeça da cobra – que a essa altura pode ser tanto nós quanto eles, afinal, como lembra nosso poeta antropófago, “sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem” (Andrade, 2011, p. 68) – morde seu próprio rabo, alcançando a *diferença* num gesto canibal típico das amarrações modernistas. O descompasso entre “atrasados” e “avançados” é neutralizado pela importação desviante e inventiva das ideias europeias, colocando-as no seu devido lugar, revelando o rendimento da inscrição brasileira da desconstrução no território das letras.

## Referências

ANDRADE, Oswald de. “Manifesto Antropófago”. In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011, p. 67-74.

ASAD, Talal. “Introdução à ‘Anthropology and the Colonial Encounter’”. *Revista Ilha*, v. 19, n. 2, 2017, p. 313-327. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2017v19n2p313>.

CLASTRES, Pierre. “Entre Silence et Dialogue”. In: BELLOUR, Raymond; CLÉMENT, Cathérine (orgs.). *Claude Lévi-Strauss*. Paris: Gallimard, 1979, p. 33-38.

COSTA LIMA, Luiz. Fios do Tempo. Sou um comparatista? *Ateliê de Humanidades*, 2021. Disponível em <https://ateliедehumanidades.com/2021/11/11/fios-do-tempo-sou-um-comparatista-por-luiz-costa-lima/>. Data de acesso: 08/08/2024.

DERRIDA, Jacques. *De la grammatologie*. Paris: Les éditions de Minuit, 1967a.

DERRIDA, Jacques. *L'écriture et la différence*. Paris: Éditions du Seuil, 1967b.

DERRIDA, Jacques. *Le monolinguisme de l'autre ou la prothèse d'origine*. Paris: Éditions Galilée, 1996.

DONATO, Eugenio; MACKSEY, Richard. *The Structuralist Controversy*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1972.

HOELZ, Maurício. “Cosmopolítica do entre-lugar”. In: BOTELHO, André; HOELZ, Maurício; BITTENCOURT, Andre. *A sociedade dos textos*. Belo Horizonte: Relicário, 2022, p. 217-237.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem”. In: *Antropologia estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1993, p. 41-51.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques*. Paris: Librairie Plon, 1955.

LÉVI-STRAUSS, Claude. «Introduction à l’œuvre de Marcel Mauss» In: MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie*; Précedé d’une Introduction à l’œuvre de Marcel Mauss par Claude Lévi-Strauss. Paris: PUF, 1950, p. 2-33.

MECIANO, Raphael. Silviano Santiago e a desconstrução: entrevista com Silviano Santiago. *Remate de Males*, Campinas: SP, v. 38, n. 1, p. 437-453, 2018. DOI: 10.20396/remate.v38i1.8651017.

MELLO, Jefferson. Os estudos literários brasileiros nos anos 1970 e o lugar da teoria no trabalho de Luiz Costa Lima. *Remate de Males*, Campinas: SP, v. 40, n. 2, p. 697-722, 2020. DOI: <https://doi.org/10.20396/remate.v40i2.8657822>.

MERQUIOR, José Guilherme. Da arte de desentender. Minas Gerais, *Suplemento Literário*, 29/12/1973.

OLIVEIRA, Francisco de. Viagem ao Olho do Furacão: Celso Furtado e o Desafio do Pensamento Autoritário Brasileiro. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo - SP, v. 48, p. 3-19, 1997.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. "Foucault: 40 anos depois". In: KIFFER, Ana; GUIMARAENS, Francisco de; ROCHA, Mauricio; ANDRADE, Paulo Fernandes Carneiro de. *Michel Foucault no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; NAU, 2015, p. 39-51.

SANTIAGO, Silviano. A terceira margem proposta pelos escritos de Jacques Derrida. *Blog BVPS: Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*, 2020a. Disponível em: <https://blogbvp.wordpress.com/2020/10/01/a-terceira-margem-proposta-pelos-escritos-de-jacques-derrida-por-silviano-santiago/>. Data de acesso: 08/08/2024.

SANTIAGO, Silviano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

SANTIAGO, Silviano. Entrevista: Questões para Silviano Santiago. *Floema* - Ano IX, n. 11, jul./dez. 2015, p. 11-21. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/floema/article/view/1847>. Data de acesso: 08 ago. 2024.

SANTIAGO, Silviano. *Glossário de Derrida*; trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ, supervisão geral de Silviano Santiago. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SANTIAGO, Silviano. Ouroboros. *Modern Language Notes*, Dec., 1971a, Vol. 86, No. 6, p. 790-792.

SANTIAGO, Silviano. Ruptura e tradição: Uma literatura nos trópicos 40 anos. Entrevista concedida a Andre Bittencourt e Maurício Hoelz. *Blog BVPS: Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*, [S. l.], 09 set. 2018. Disponível em: <https://blogbvp.wordpress.com/2018/09/09/ruptura-e-tradicao-uma-literatura-nos-tropicos-40-anos-entrevista-com-silviano-santiago/>. Data de acesso: 08/08/2024.

SANTIAGO, Silviano. Silviano 8½. *Projeto MinasMundo*, 2020b. Disponível em <https://projetominasmundo.com.br/memoria/silviano-8-1-2/>. Data de acesso: 08/08/2024.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*: ensaios sobre questões político-teóricas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SANTIAGO, Silviano. "A palavra de Deus". *Barroco*, n. 3, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1971b, p. 7-13.

SANTIAGO, Silviano. "Desconstrução e descentramento". In: PORTELLA, Eduardo. *A linguística hoje. Tempo Brasileiro*, (32). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973, p. 76-97.

SANTOS, Jair Ferreira dos. Um guia para penetrar no mundo intencionalmente obscuro de Derrida. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 14/11/1976, p. 11.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Rosa e Clarice, a fera e o fora. *Revista Letras*, [S. l.], v. 98, nov. 2019, p. 9-30. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v98io.65767>.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "As categorias de sintagma e paradigma nas análises míticas de Lévi-Strauss". In: PORTELLA, Eduardo. *A linguística hoje*. Tempo Brasileiro, (32). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973, p. 112-131.